

Empreender se aprende é na faculdade

Paulo Roberto Moura

A cultura do empreendedorismo, como alternativa viável para a nossa juventude, está começando a ser tratada com a seriedade que o tema merece. Historicamente, o Brasil não enxerga em empresários exemplos a serem seguidos, apesar do papel fundamental que exerceram e ainda têm na construção deste País. Um exemplo é o visionário Barão de Mauá, criador de estradas de ferro, estaleiros e do Banco do Brasil, dentre tantas outras iniciativas geniais: não comemoramos o seu nascimento, não divulgamos a sua história e muito menos estudamos no primário as lições ensinadas. Em um país com cada vez menos vagas de emprego formais, atrasado e com baixa educação, ter o próprio negócio e buscar o lucro precisa ser encarado como uma estratégia interessante para a nossa juventude.

É notório que, numa visão de modernidade versus o atraso que vivemos enquanto nação. Burocracia, carga pesada de impostos, crédito inacessível e infra-estrutura cheia de gargalos dão o panorama que levaremos ainda muitos anos para mudarmos o quadro nacional. Em tempos de competição global, somos o 40º no ranking de mundial de inovação feito pelo Insead. Isso é grave. Na base de tudo está o maior desafio que temos pela frente: o da educação. Em todos os níveis, do básico à pós-graduação, da pesquisa básica à corrida científica, há um abismo com raras ilhas de excelência brigando pela sobrevivência. Sem um modelo educacional forte e aliado à formação do cidadão que tenha no mínimo condições de observar o mundo que o cerca e pensar para qual rumo vai guiar sua vida, não há condições de falarmos em um país do futuro.

Para os que conseguem chegar à uma universidade, 8 a 10% da nossa população, o que o futuro lhes reserva? Uma dura perspectiva de não acharem empregos na forma pura para a qual as suas opções de curso superior foram concebidas. Publicidade, Direito, Odontologia, Medicina, Contabilidade e até mesmo Administração formam profissionais que terão disponíveis algo em torno de 1 a 2% de vagas de emprego na iniciativa privada disponíveis em relação ao número de pessoas que se formam todos os anos. Só em Brasília, que possui mais de cem faculdades, são colocados no mercado de trabalho mais de 3.500 alunos formados em Publicidade e Propaganda, sendo que as mais de 300 agências e veículos de comunicação abrem algo em torno de 40 vagas por ano.

Para onde vão os outros alunos? Concursos públicos, atuação em outras áreas correlatas do mercado com subempregos e salários de fome. A maioria fica desempregada e, não enxergando alternativas, vão tentar a sorte montando seu primeiro negócio com apoio da família, quando há. Mas sem base nenhuma, sem apoio formal, com quase nada de planejamento, acabam aumentando as estatísticas de mortalidade empresarial nos primeiros cinco anos. Empreender não pode ser uma atividade desesperada, pois o risco de um negócio por si só, se bem planejado, já é muito alto.

Nossas instituições de Ensino Superior, com raras exceções, não estão dando a formação e orientação necessária. E o governo muito menos. Não cria condições para facilitar, por exemplo, a abertura de empresas de acesso ao crédito para o *start-up* do negócio. Segundo pesquisas, 70% dos jovens que ingressam na universidade desejam ter seu próprio negócio ao se formarem, mas somente 3% conseguem. E o pior, não conseguiram praticar quase nada do que é a realidade da profissão durante os quatro ou cinco anos que estiveram se preparando para o mercado de trabalho, que também não encontra na grande maioria dos estudantes o mínimo da "empregabilidade" necessária.

Inspirar, criar e evoluir é o objetivo do Núcleo do Talento Empreendedor (NTE), um pólo que tanto dará a educação empresarial quanto promoverá o acesso ao crédito e, por meio do GDF, viabilizará a abertura das empresas para jovens universitários. Uma grade curricular ofertada pelo Sebrae, com metodologias consagradas mundialmente como o Empretec, além de mais de 50 cursos a valores subsidiados. E, por meio da Associação dos Jovens Empresários, entidade que no Distrito Federal representa mais de 800 empresas, novas empresas terão acesso ao mercado consumidor e a estágio práticos. Com início em fevereiro de 2008, o NTE pretende inspirar mais de 20 mil jovens, formar 150 candidatos a empresários e buscará lançar no